CINECLUBE, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O FILME COMO FATOR DE EDUCAÇÃO DO PENSAMENTO¹

Alexandre Matias Silva²

Danilo Rocha³

RESUMO

O presente artigo inicialmente investiga a possível imbricação entre educação, filosofia e cinema. Para tanto procura relacionar educação e filosofia, bem como filosofia e cinema. Assim, após esse percurso, o objetivo se volta para melhor compreensão dos cineclubes aliado à filosofia como referencial teórico dentro do contexto escolar, como alternativa e recurso destinado aos alunos e seu processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação; Filosofia; Cinema.

ABSTRACT

The present article initially investigates the possible relationship between education, philosophy and cinema. So, it seeks to relate education and philosophy, as well as philosophy and cinema. Thus, after this course, the main objective of the article is the better understanding of the cine clubs allied to philosophy as a theoretical reference within the school context, as an alternative and resource for students and their learning process.

Keywords: Education, Philosophy and cinema.

INTRODUÇÃO

“O cinema é um modo divino de contar a vida”. (Federico Fellini)

Em 1892 Léon Bouly criou o primeiro cinematógrafo. O mesmo não imaginava a grandiosidade de sua descoberta. Porém, por falta de dinheiro, 1895, cedeu a patente de sua criação.

Foi então com os irmãos Lumière em 1895, que surgiu a imagem-movimento sobre a tela, eis a origem do cinema, a origem dos primeiros filmes, filmes esses que retratavam o cotidiano, sem intenção de contar histórias ou despertar a reflexão.

¹ Recebido em 20/06/2017

² Faculdade de Tecnologia Carlos Drummond de Andrade. professormatias@bol.com.br

³ Claretiano Centro Universitário. dr.danrocha@yahoo.com.br

Revista Livre de Cinema, v. 4, n. Especial, p. 65-83, jul, 2017

ISSN: 2357-8807

A questão da problematização (nos filmes) deu-se primeiramente pela imaginação do espectador. Somente a partir do momento que o cinema começou a utilizar histórias, não apenas mostrar o cotidiano, que a reflexão oficialmente é inserida. Dessa forma, em 1902, inicia a narrativa fílmica. Dessa forma, em 1902, o cinema entra em um cenário muito mais profundo, onde a reflexão, e, portanto, a Filosofia, faz parte.

Segundo Márcio José Andrade da Silva (2017), a melhor simbologia da relação do cinema e a filosofia é a caverna de Platão. Na caverna de Platão havia os escravos olhando para a sombra da realidade, já no momento que entramos no cinema, olhamos para a tela reproduzindo o que seria a realidade.

Para Skip Dine Young (2014), Psicólogo e autor do livro *A Psicologia vai ao Cinema*, os filmes são símbolos que contêm significado; esses símbolos são criados pelos cineastas e recebidos pela audiência, enquanto Deleuze (2007) a essência do cinema tem por objetivo o pensamento, pontuando sobre a relação cinema e pensamento a partir da reflexão de Eisenstein, em três momentos, sendo o primeiro o *Perceptivo* que é o choque com a imagem e comunicação com o pensamento. O segundo seria o *Reflexivo*, trata-se do momento de embriaguez, de pensamentos primitivos. Por último temos o *Semântico*, que é a produção de sentido, de significado.

Na década de noventa acontece a entrada de tecnologias nas escolas de forma muito limitada. Em 2003, com os DVDs (Digital Versatile Disc), foram mais popularizadas no ensino. É necessário usar as tecnologias a favor da educação. Por mais de trinta anos que o filme vem sendo utilizado de uma forma mais intensa em sala de aula por professores. Porém ainda usada, muitas vezes, erroneamente, não despertando a atenção dos discentes.

Serrano, Venâncio, Napolitano, e a Escola Nova Estadunidense, já utilizam fortemente a relação cinema e educação. O cinema foi usado como crítica social nos países subdesenvolvidos, como no Brasil houve o movimento do Cinema Novo Brasileiro nos anos sessenta e setenta.

Segundo Venâncio (1941), uma lição visual dá melhor resultado comparado com aquela requerida pelo mesmo assunto ensinado oralmente. Porém Venâncio

nos alerta que o filme não pode ser utilizado de forma indiscriminada, que não é e nem pode substituir uma lição.

Há críticas em relação ao cinema e a educação, como nos alerta Walter Benjamin (1955) sobre a reprodutibilidade técnica e a perda da figura singular da arte. Adorno (1967) também nos alerta sobre o poder de alienação do cinema por conta da artificialidade e o uso da ideologia presentes nos filmes.

O fato que muitas publicações atuais querem aproximar o Cinema e a Filosofia, como ocorre em um livro muito popular (entre os amantes da arte visual) sobre um desenho muito popular (entre crianças e adultos), *Os Simpsons e a Filosofia – O D’oh! De Homer* escrito por Irwin *et al.* Porém há críticas em relação a esse movimento, especialistas em educação, voltados à disciplina da Filosofia, mostram-nos que o ensino da mesma contempla quatro etapas: *Mobilização para o conhecimento; Problematização; Investigação; e Criação de conceitos.*

Conforme é apontado, o filme é usado somente na *Mobilização para o conhecimento*, mas possui potencial para ser utilizado nas quatro etapas apresentadas. Nesse sentido, Alessandro Reina nos adverte:

Não poderíamos jamais afirmar que um filme é filosófico somente pelo teor de uma de suas cenas ou pela intencionalidade dos realizadores... O filme precisa ser precedido de uma experiência estética. Esta experiência só é possível quando se assiste ao filme na sua totalidade, que incita e força o pensamento a pensar este todo. (REINA, 2016, p. 59)

Ainda segundo Alessandro Reina, em um filme é necessário espanto e reflexão para que o espectador consiga praticar Filosofia:

(...) A violência, por exemplo, no cinema ruim nunca é tratada os temas de forma cerebral, ela sempre expõe as imagens, nunca as problematiza.
 (...) O fato de que nem todas as pessoas são capazes de aprender ou de perceber filosofia nos filmes não é uma constatação de que ela não esteja lá. Muitos lêem literatura filosófica e isto não é critério conclusivo para afirmar que tal pessoa aprendeu filosofia ao ler um livro de um ou de outro filósofo. (REINA, 2016, p. 56)

Dessa maneira, vemos a necessidade de saber escolher os filmes a serem exibidos e saber preparar (cognitivamente) quem vai assisti-los. Os cineclubes através de sua história, apontam-nos para uma provável relação do cinema com a filosofia e a educação. Dessa forma se torna necessário uma investigação sobre o papel do movimento cineclubista e sua eficácia no ambiente escolar e sua possível relação com a filosofia.

O presente trabalho buscou investigar o papel dos cineclubes na difusão, implemento e concretização da imbricação entre filosofia e cinema dentro do ambiente escolar. Para tanto além da compreensão do que vem a ser os cineclubes, também se buscou compreender o que é cinema, educação e por fim filosofia, questões essas que se relacionam intimamente na proposta apresentada no presente artigo.

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, UMA RELAÇÃO

Ao recorrermos à tradição filosófica, bem como à própria história da educação como processo intencional e sistematizado, é possível perceber que as imbricações e proximidades entre a filosofia e a educação se deram de forma intensa e contínua.

A filosofia como área do saber sistematizada, dentre seus difusos objetos de estudo e reflexão também se volta para a educação a fim de melhor compreendê-lo.

Assim, inicialmente, entendemos ser oportuno, fornecer uma definição para aquilo que se compreende como filosofia, lembrando, todavia, que a definição de filosofia já se torna um problema filosófico, dada a complexidade que tal empreitada encerra, vez que a filosofia não tem um objeto definido. Ao longo de sua história e tradição, nos deparamos com interessantes definições para esse importante campo do saber, que vão bem além de sua etimologia tão conhecida, “amigo da sabedoria”, ou da bela e não menos importante afirmação de Platão (apud MARCONDES *et al*, 2011) em sua *República*, onde afirma que o filósofo é aquele que é capaz de atingir o que é eterno e imutável, sendo esse o papel da filosofia.

Assim, na tentativa de tentar demonstrar a variedade de definições que a filosofia possui, nos valeremos de duas, sendo a primeira tão irreverente quanto interessante, de autoria de Roberto Gomes e sua *Crítica da Razão Tupiniquim*:

E o que é filosofia? É a tentativa, penso, de enxergar um palmo diante do nariz – o que não é tão fácil nem tão inútil quanto muitos pensam. Afinal, o peixe é quem menos sabe de água. (GOMES, 1980, p. 18)

Nesse sentido, como o escopo da filosofia é amplo e indeterminado, chegando até a educação, é importante destacarmos que o ato de pensar tornou-se sua principal ocupação como bem salientou Demerval Saviani, o que inevitavelmente acabou por influir diretamente na ação educativa:

Como se sabe, o objeto da filosofia não é predeterminado. Com efeito, seu objeto é o próprio pensamento ou então a realidade em geral enquanto suscetível, ou melhor, enquanto necessita ser pensada seja em si mesma, na sua generalidade, seja nas suas manifestações particulares. (SAVIANI, 1991, p.3).

A filosofia como ação livre do pensamento racional e crítico não deve se limitar a fórmulas ou verdades prontas. Nesse sentido, para Saviani a educação necessita ser dinâmica e distante de burocratismos e é justamente nesse momento que a filosofia desempenha um papel de destaque, vez que a filosofia (da educação) se caracteriza por seu caráter crítico e reflexivo como lemos:

A atividade educacional, pela sua complexidade e pelo peso da rotina pedagógica, é particularmente vulnerável a esse tipo de desvio. Para evitá-lo é indispensável a vigilância da reflexão. E a forma por excelência da atividade reflexiva chama-se filosofia. Eis por que se pode considerar como uma das funções precípuas da filosofia da educação "acompanhar reflexiva e criticamente a atividade educacional de modo a explicitar os seus fundamentos, esclarecer a tarefa e a contribuição das diversas disciplinas pedagógicas e avaliar o significado das soluções escolhidas (SAVIANI, 1991, p.7)

Para Saviani essa estreita colaboração entre filosofia e educação também se manifesta por sua clareza conceitual e terminológica inerente à filosofia, o que poderia inclusive melhorar a comunicação entre docentes e alunos:

Essa função da filosofia tem sido especialmente enfatizada pela concepção analítica, a qual entende que o papel próprio da filosofia é a análise lógica da linguagem. Em consequência, o papel da filosofia da educação passa a se efetuar a análise lógica da linguagem educacional de modo a libertá-la de suas imprecisões e incongruências. Entretanto, independentemente da concepção que o inspira ou na qual desemboca, o aprofundamento filosófico implica necessariamente o rigor lógico-conceitual, o qual só pode se manifestar através de uma linguagem precisa, clara e inteligível. (SAVIANI, 1991. p.8).

Quando pensamos em filosofia e educação a Grécia antiga se torna uma importante referência em virtude daquilo que se convencionou chamar de *Paidéia*. Assim, é possível afirmar que esse conceito grego faz a junção entre cidadania, educação, formação e filosofia como bem lembrou Antônio Joaquim Severino:

No contexto da história da cultura ocidental, é fácil observar que educação e filosofia sempre estiveram juntas e próximas. Pode-se constatar, com efeito, que desde seu surgimento na Grécia clássica, a filosofia se constituiu unida a uma intenção pedagógica, formativa do humano. Ela já nasceu Paidéia! (SEVERINO, 1990, p.19)

Seria o filósofo um educador, ou o educador um filósofo? Para Severino a relação entre filosofia e educação é latente, pois entende que aquele que se dedica

a filosofia, ou seja, o filósofo é por excelência um educador:

A verdade é que, em que pese o ainda restrito alcance social da educação, a filosofia surge intrinsecamente ligada a ela, autorizando-nos a considerar, sem nenhuma figuração, que o filósofo clássico sempre foi um grande educador. (SEVERINO, 1990, p. 19).

Ainda que vivamos em tempos de automação e, portanto, com forte apelo e reverência à tecnologia o que também tem influenciado a educação formal, criando certo descrédito em relação às disciplinas humanísticas, o papel histórico da filosofia frente ao processo educativo é um fato concreto.

A educação além de ser responsável pela transmissão de uma gama imensa de informações e conhecimentos, também de um papel formador por excelência, possibilitando que o indivíduo possa atuar de maneira plena em seu meio social e profissional. Justamente dentro desse importante contexto que a filosofia pode desempenhar amplamente seu objetivo, voltada para a análise crítica e problematizadora, criando perguntas e buscando respostas em ritmo dialético, o que possibilita um processo pedagógico rico e também emancipador.

A educação formal também se beneficia grandemente com a filosofia (da educação) na medida que esta procura fazer uma reflexão voltada para o interior da própria educação, problematizando-a. Esse olhar crítico que se volta para a própria para dentro, permite um processo de melhoria contínua. Nesse sentido a afirmativa de Severino é esclarecedora:

No seu momento epistemológico, a filosofia da educação investe, pois, no esclarecimento das relações entre a produção do conhecimento e o processo da educação. É assim que muitas questões vão se colocando à necessária consideração por parte dos que se envolvem com a educação, também nesse plano da produção do saber, desde aquelas relacionadas com a natureza da própria subjetividade até aquelas que se encontram implicadas no mais modesto ato de ensino ou de aprendizagem, passando pela questão da possibilidade e da efetividade das ciências da educação. (SEVERINO, 1990, p.23).

A pesquisa acadêmica, bem como a produção literária que tem por objeto a educação e seu processo tem avançado e evoluído nas últimas décadas. Dentre as diversas teorias pedagógicas existentes, nos chama a atenção para aquela desenvolvida pelo filósofo francês Edgar Morin (2013) que procura demonstrar a importância da transdisciplinaridade, vez que os saberes devem ser integrados. Nesse sentido, Morin (2013) acredita que a perspectiva trans-disciplinar é capaz de religar os saberes. Em suas palavras, essa deve ser a educação do futuro: A

educação do futuro exige um esforço trans-disciplinar capaz de religar cultura científica e cultura das humanidades e romper com a oposição natureza e cultura.

Dentro dessa perspectiva, é possível afirmar que a filosofia por produzir uma reflexão crítica, além de criar conceitos, permite que a educação, trans-disciplinar possa ser significativa, sendo possível produzir uma verdadeira práxis, a partir da transmissão de conhecimentos, conforme bem salientou Severino:

Portanto tanto no plano teórico como no plano prático, referindo-se seja aos processos de conhecimento, seja aos critérios da ação, e seja ainda ao próprio modo de existir dos sujeitos envolvidos na educação, a filosofia está necessariamente presente, sendo mesmo indispensável. E neste primeiro momento, como contínua gestora da interdisciplinaridade. (SEVERINO, 1990, p. 24)

Entendemos ser oportuno reforçar a advertência feita por Antônio Joaquim Severino de que a educação não pode cair nas malhas da ideologia, pois o educar possui uma intencionalidade, devendo a filosofia da educação colaborar na preservação do processo educativo de tais riscos.

Cipriano Carlos Luckesi, em artigo publicado em 1990, faz uma interessante exposição sobre a importância da filosofia, além de relacioná-la com a prática educativa. Para Luckesi a filosofia é fundamental para o entendimento da *práxis* humana, e não uma atividade meramente teórica:

Assim, ao nosso ver, a verdadeira compreensão do que vem a ser a filosofia implica assumi-la como uma forma de entendimento da realidade que coloque nas mãos do ser humano uma orientação, um direcionamento para a sua ação. Ela é de fundamental importância para a vida de todos os indivíduos, enquanto seres humanos que desejam encontrar um sentido e um significado para o seu agir. (LUCKESI, 1990, p. 38).

Para que compreendamos a relação da educação com a filosofia, nos é necessário entender o objetivo da filosofia, seu papel e seu alcance. Para Luckesi, a filosofia busca problematizar aquilo que nos circula, desta forma, destaca o autor que a filosofia se põe a problematizar os sentidos, os significados e os valores que norteiam a vida:

A filosofia tem por seu objeto de reflexão os sentidos, os significados e os valores que dimensionam e norteiam a vida e a prática histórica humana. Assim sendo, nenhum indivíduo, nenhum povo, nenhum momento histórico vive e sobrevive sem um conjunto de conceitos que significa a sua forma de existência e sua ação. (LUCKESI, 1990, p.40)

O processo de emancipação, bem como a formação cidadã e profissional que cabe à educação, além de encontrar na perspectiva trans-disciplinar uma força

extraordinária, sempre se valeu da tradição filosófica para criar um cenário ideal tanto para os teóricos que pensam a educação, como para educadores e alunos. Assim a educação longe de ser apenas teoria ou especulação, está voltada para a reflexão do concreto e por fim capacitando para a práxis de forma criteriosa, crítica e segura. Nesse sentido vale a advertência de Luckesi:

Os objetos de meditação filosófica para o educador não estão distantes de suas condutas; não são objetos abstratos. Ao contrário, são os fenômenos, acontecimentos e fatos que estão imediatamente juntos de si, diretamente articulados com a materialidade de sua ação. (LUCKESI, 1990, p.43)

No Brasil, depois de avanços e retrocessos, o ensino da filosofia voltou a ser obrigatório no ensino médio apenas em 2008, por força da previsão inicial da Lei de Diretrizes e Bases de 1996, contudo, recentemente a filosofia sofreu novo revés com a reforma proposta pelo governo Federal que assumiu o poder em 2016, passando a assumir um papel meramente coadjuvante, relegado a transversalidade, caso seja aprovada tal proposta.

Muito além da salutar relação que há entre filosofia e educação desde a Grécia antiga, houve um enriquecimento mútuo entre esses dois campos do saber, beneficiando todos os atores envolvidos, em especial, alunos, educadores, filósofos e pesquisadores.

A relação entre filosofia e educação também se manifesta no ensino da filosofia, responsável desenvolver a noção de cidadania no aluno, o que por si já justificaria sua permanência no currículo escolar, como previsto no artigo 36, § 1º, III da LDB antes da reforma feita pelo governo federal em 2016. Entendemos ser digno de nota que atualmente a palavra “filosofia” sequer é mencionada na Lei 9.394/1996 (LDB).

Importante destacar, que o ensino da filosofia na educação básica não tem a pretensão de criar filósofos, mas possibilita uma verdadeira aproximação com o exercício da cidadania como previa a LDB, além de propiciar no indivíduo uma atitude reflexiva e crítica, independente do caminho profissional que venha a optar.

Desta forma, é possível apensar que a educação e a filosofia caminham juntas, quer seja quando a filosofia se volta para a compreensão do ato de educar, ou quando está presente nos currículos escolares, convidando os alunos à postura

crítica e cidadã, ou quando a educação se vale de toda tradição filosófica para pensar e repensar a realidade presente.

Da distante Paideia grega passando pelas reflexões sobre a educação no período do Iluminismo, especialmente em Jean-Jacques Rousseau, chegando até os dias atuais onde a filosofia ainda resiste a duras penas nos currículos da educação básica, é inegável sua contribuição no processo educativo, sendo possível pensar que tanto a educação como a própria filosofia se beneficiaram profundamente dessa relação íntima, mas certamente o indivíduo foi o maior beneficiado dessa imbricação.

CINEMA E FILOSOFIA

Assim como a filosofia se relaciona com a educação desde a antiguidade grega, também é necessária uma breve investigação se a filosofia também se relaciona com o cinema, visto ser essa uma atividade relativamente recente ao compararmos com a educação.

Desde Tales de Mileto (625 a.C.-558 a.C.) a filosofia se organizou e vem produzindo uma respeitável história, refletindo, investigando e problematizando diversas áreas de nossa realidade.

Ao problematizar a realidade nesses últimos 2600 anos a filosofia aproximou-se de diversas áreas do conhecimento, produzindo nessas imbricações questões, conceitos e reflexões interessantes a exemplo do que ocorre com a arte (estética) e com a biologia (bioética).

O cinema é manifestação artística relativamente recente, concebida no século XIX. Como nos lembra Jean-Claude Bernardet (2004, p. 12), a primeira exibição cinematográfica foi pública e ocorreu em 28 de dezembro de 1895, em Paris, com o uso de câmara parada, com imagens preto e branco e sem som.

Importante lembrar que o cinema não nasceu pronto, mas foi fruto de esforço, pesquisa e experimentos no decorrer do século XIX, sendo que a fotografia o antecede, além de ter sido sua base conceitual.

O desenvolvimento do cinema ocorre no século XX, tornando-se um produto comercial quando certas técnicas são utilizadas nos filmes garantindo-lhes maior versatilidade e dinamismo, sendo o recurso da fala empregado apenas em 1926.

A tentativa de buscar um conceito para cinema tem se mostrado uma complexa empreitada, vez que a projeção de um filme implica numa série de ações, sensações, ritos e até procedimentos.

Nessa busca, Jean-Claude Bernardet, apesar de sua vasta vivência fílmica reconhece essa dificuldade:

O que é cinema? No final do livro, vocês não sabem. Eu também não. Com certeza, não é possível responder a tão pretenciosa pergunta. O texto não se pretende mais que um passeio em torno de alguns eventuais problemas que se colocam pessoas que estudam cinema. (BERNARDET, 2004, p.117)

No mesmo sentido, Julio Cabrera também observa a mesma dificuldade na tentativa de conceituar o cinema dado seu caráter não hermético, recorrendo ao roteirista Jean-Claude Carrière:

Mas, na verdade, não sabemos o que é o cinema. Jean-Claude Carrière (em seu maravilhoso livro *The Secret Language of Film*) expressou isso muito bem, ao dizer que o cinema é uma experiência aberta, sempre se redescobrimo, fugindo permanentemente das regras que procuram aprisioná-la em algum cânone estabelecido. (CABRERA, 2006, p.19)

Finalmente, ainda na busca desse conceito que nos faça pensar no que é cinema, Jean-Claude Carrière (1995) fornece sua visão crítica:

O cinema, invenção recente dentre muitas do Ocidente industrializado, era o produto de um encontro histórico entre teatro, *vaudeville, music hall*, pintura, fotografia e toda uma série de progressos técnicos. Assim, ajudava a exaltar as qualidades da civilização branca de classe média que lhe deu origem. (CARRIÈRE, 1995, p.9)

É possível pensar que a filosofia, bem como o cinema não são herméticos, nem possuem objeto definido, sendo complexos e, portanto, ilimitados. Por si essa imbricação inicial já seria o suficiente para uma análise sobre essa estreita relação.

Essa reflexão se torna interessante atualmente quando nos deparamos com uma geração de estudantes cada vez mais ligados à tecnologia dentro e fora da sala de aula. Aos professores e à escola fica o desafio de tornar a aprendizagem mais atraente e eficaz com a utilização destes recursos disponíveis.

As disciplinas de cunho humanístico enfrentam o grande desafio de se mostrarem significativas aos alunos em tempos de forte alienação, desinteresse e forte apelo tecnológico, e no caso da filosofia, remete ao antigo debate sobre o ensino da filosofia a partir de sua história como queria Hegel, ou a partir da perspectiva mais prática, ou seja, filosofando, como nos ensinou Kant.

A experiência junto aos alunos do ensino médio onde a filosofia é disciplina obrigatória, demonstra que a opção por um ensino focado basicamente na história da filosofia não tem permitido ao professor obter bons resultados, sobretudo pela proximidade que os alunos possuem com linguagens ou recursos tecnológicos.

Nesse sentido, o cinema tem sido visto como um interessante recurso didático acessível ao professor de filosofia.

Importante destacar que se a filosofia tem um papel indispensável no cenário escolar, possibilitando ao aluno livrar-se das malhas do senso comum, o cinema pode contribuir decisivamente para que a filosofia cumpra esse importante objetivo.

O uso do recurso fílmico não é necessariamente uma novidade entre os professores, contudo é necessário que o filme não seja usado apenas como mera ilustração, sendo assim desprezado seu potencial, como bem adverte Reina (2014):

O filme não será utilizado apenas como um artifício de mobilização e de ilustração de um problema. Será tratado como uma unidade conceitual capaz de forçar ou provocar o pensamento dos alunos em torno da criação de novos conceitos por meio da reflexão filosófica fílmica tal como um texto filosófico é capaz de fazer com o seu leitor. (REINA, 2014, p.89)

Tanto a filosofia como o cinema quando bem combinados podem contribuir para a emancipação do aluno, pois possuem forte potencial crítico, reflexivo e dialógico. Assim há uma mutua colaboração entre os dois campos do saber como observou Cabrera:

A filosofia não deveria ser considerada algo perfeitamente definido antes do surgimento do cinema, mas sim algo que poderia modificar-se com esse surgimento. Nesse sentido, a filosofia, quando manifesta seu interesse pela busca da verdade, não deveria apoiar a indagação acerca de si mesma apenas em sua própria tradição, como marco único de auto-elucidação, mas inserir-se na totalidade da cultura. (CABRERA, 2006, p.14).

É possível pensar que essa imbricação se torna além de possível, também necessária no ambiente escolar. Assim, Julio Cabrera vê a relação entre cinema e filosofia como algo consumado na medida que o cinema pode até mesmo produzir filosofia através do “conceito-imagem”, como denominou:

Direi que o cinema, visto filosoficamente, é a construção do que chamarei conceitos-imagem, um tipo de “conceito visual” estruturalmente diferente dos conceitos tradicionais utilizados pela filosofia escrita, a que chamarei aqui de conceitos-idéia. (CABRERA, 2006, p.20)

Não é possível afirmar que exista propriamente um cinema filosófico, porém

há uma maneira de se apropriar filosoficamente do cinema, pois é justamente o “conceito-imagem” que o torna interessante como recurso de apoio no processo de ensino voltado à reflexão crítica.

O filme pode despertar para a problematização que se distancia do senso comum, papel antes reservado somente ao texto filosófico, vez que o recurso da imagem e som pode se tornar um diferencial a ser trabalhado pelo professor.

É justamente essa perturbação ou estranhamento que pode criar um ponto de conexão com a filosofia, na medida em que os temas, histórias e conceitos abordados no roteiro convidam e permitem a reflexão filosófica. É possível pensar que a criticidade, o conhecimento e a reflexão necessitam desse espanto ou estranhamento, como já nos advertiu outrora Aristóteles.

Essa apropriação reflexiva e filosófica que a obra fílmica pode gerar em muitos casos está inserido na obra de uma maneira quase imperceptível, sendo necessário que haja uma preparação prévia feita pelo professor. Os grandes temas do conhecimento tratados costumeiramente pela filosofia também podem estar presentes no cinema, como bem observa Cabrera quando comenta sobre o filme *A mosca* de David Cronenberg:

O filme de Cronenberg, falando de um homem-mosca, fala da condição humana, embora não o faça no nível do literal. A linguagem do cinema é inevitavelmente metafórica, inclusive quando parece ser totalmente literal, como nos “filmes realistas”. O fato de um certo texto (literário ou cinematográfico) ser fictício, imaginário ou fantástico não impede em absoluto o caminho para a verdade. Ao contrário, através de um experimento que nos distancia extraordinariamente do real cotidiano e familiar, o filme pode nos fazer ver algo que habitualmente não veríamos. Talvez precisemos ver um bom filme de terror para nos conscientizarmos de algum dos horrores deste mundo. (CABRERA, 2006, p.27).

Cabe destacar que o recurso fílmico também pode permitir que o aluno seja protagonista de sua aprendizagem além de cultivar a, visão crítica, permitindo construir sua própria emancipação, em especial através do contato pessoal com os “conceitos-imagem” criando uma relação logopática no espectador do filme, como nos explica Cabrera:

Não estão interessados, assim, somente em passar uma informação objetiva nem em provocar uma pura explosão afetiva por ela mesma, mas em uma abordagem que chamo aqui de logopática, lógica e prática ao mesmo tempo. (CABRERA, 2006, p. 22)

O cinema opera com fortes instrumentos de persuasão contidos no roteiro e

na obra final. A partir desses elementos é possível obter a experiência fílmica que será útil em contato com a filosofia na geração de ideias e reflexões mediadas pelo professor. Carrière observou a persuasão dos filmes, pontuando a complexidade envolvida:

Os instrumentos de persuasão podem parecer simples: emoção, sensação física de medo, repulsa, irritação, raiva, angústia. Mas, na realidade, o processo é muito mais complexo, provavelmente até incapaz de ser definido. (Envolve os mais secretos mecanismos do nosso cérebro, incluindo, talvez, a preguiça, a natural indolência, a disposição para renunciar às suas virtudes por qualquer adulação. (CARRIÈRE, 1995, p.54)

É possível afirmar que o caráter multidisciplinar e sem um objeto único, característicos da filosofia permite um excelente diálogo com manifestações artísticas como a música, as artes plásticas, a dramaturgia entre outras, devido a semelhança que possuem. O cinema e sua amplitude de recursos narrativos e possibilidades, trilha um caminho semelhante ao da filosofia, visto que ambos não se sujeitam à amarras e regras pré-concebidas em seus objetivos. Para Cabrera seria o cinema, e não o texto filosófico, o fator de diferença na percepção do espectador ou no caso do aluno.

Suas imagens entram pelas entranhas e daí vão ao cérebro, e precisamente por isso têm maior probabilidade de ir direto ao ponto principal, mais do que um sóbrio texto filosófico ou sociológico. (CABRERA, 2006, p. 38)

A relação entre filosofia e cinema não comporta que estabeleçamos qualquer hierarquia entre a filosofia e o recurso fílmico dentro da rotina escolar. É possível afirmar que tal debate seria completamente estéril e descabido. Assim o ensino da filosofia quando ajustado a uma proposta emancipadora e formadora, pode se valer de diversos recursos didáticos, como o cinema, sendo possível potencializar a reflexão filosófica, que apoiado nos debates, leituras e na própria história da filosofia podem criar as condições para que o aluno venha a pensar por si, portanto emancipando-o.

Para tanto, o cinema deve impactar o seu espectador, chocá-lo! Nesse sentido torna-se interessante a reflexão feita por Deleuze acerca do cinema e de sua força na medida em que produz aquilo que o filósofo francês chamou de “choque” ou “*noochoque*”, o que pode ser muito bem aproveitado no campo da reflexão filosófica:

Deleuze (2007) apresentará a ideia de que o bom cinema apresenta-se como uma instância que move o pensamento e que reflete sobre a natureza deste. Apoiado sobre a ideia de que o filme confere um movimento reflexivo

que vai da imagem ao conceito, do retorno do conceito a imagem, produzindo um valor semântico, ao qual chamará de “choque” ou “noochoque”, o autor irá introduzir a ideia de que alguns filmes não somente problematizam como teorizam algo sobre o mundo e a relação que o homem estabelece com ele por intermédio do pensamento. (REINA, 2014, p.13).

A obra fílmica possui um potencial filosófico na medida que esse choque de que nos fala o Deleuze somente é possível pela junção que o cinema permite, ou seja, imagem, som, roteiro criando um “todo”, que convida o aluno, com o apoio da filosofia a sair do senso comum como lembra Reina:

Segundo Deleuze (2007) o cinema que pensa, desde seus pioneiros caracterizava-se pela forma como a linguagem era trabalhada por meio das imagens que sempre se remetiam a conceitos ou a aquilo que Deleuze chama de “todo” que nada mais é do que o próprio “conceito”. Segundo o filósofo cada cineasta possuía uma concepção de filme que chegasse ao “sublime”. (REINA, 2014, p.50)

Para melhor aproveitamento do recurso fílmico na escola, cabe destacar que o local físico onde haverá a exibição do filme influi no resultado junto aos alunos, bem como é fundamental que haja o preparo necessário por parte do professor para recorrer a esse recurso didático.

Por fim, como nos lembra Reina (2014) não deverá haver restrição a nenhum tipo de filme, ou seja, o professor preparado poderá se valer tanto de filmes comerciais como daqueles chamados clássicos, vez que é possível afirmar que todos os filmes possuem potencial filosófico.

O CINECLUBE

Como supracitado, o cineclube através de sua história, aponta-nos para uma provável ligação entre cinema, filosofia e educação; entre a arte e a reflexão. Pois o mesmo contempla as quatro etapas do ensino de filosofia, segundo especialistas em educação e filosofia, como a *Mobilização para o conhecimento; a Problematização; a Investigação; e a Criação de conceitos.*

Segundo Lourenço (2011), os Cineclubes nasceram na França na década de 1920, as bases do primeiro estatuto foram constituídas por Louis Delleu sob chancela da revista francesa Ciné Club. Promoveram a educação cinematográfica de futuros grandes diretores de cinema.

O movimento Cineclubista não se restringia somente à exibição do filme, envolvia discussão ou debate. Os cineclubistas acreditavam que o cinema era muito mais que entretenimento, era uma arte. O cinema ser considerado a “sétima arte” deve muito ao movimento cineclubista.

No Brasil começa a expandir-se a partir de 1928, quando na cidade do Rio de Janeiro foi fundado o primeiro cineclube, chamado *Chaplin Club*. Cineclubes do país foram entidades contestadoras, e com a ditadura ganhará ainda mais força como “*Entidades Subversivas*”.

Para Felipe Macedo (2017), participante da fundação de vários cineclubes no Brasil, através de sua página na internet, relata-nos:

(...) Cineclube é o espaço do novo e do povo. Por isso sempre foram perseguidos pelo autoritarismo, marginalizado pelo poder econômico, ignorado pela maior parte das esferas institucionais (...) Mas há muito pouca informação – e talvez muita desinformação – sobre os cineclubes e o cineclubismo. (MACEDO, 2017)

Com o atual cenário de educação nacional é interessante fazer uso do cineclube como instrumento de ensino. Educação nos dias de hoje sem tecnologia é retrocesso, mas tendo cuidado na forma como utilizá-lo. Precisa ser bem planejado.

Segundo Alves e Macedo (2010), em um cineclube há a *Apropriação*, que consiste na exibição do filme. Logo em seguida ocorre a *Ressignificação* que é o debate. Por último acontece a *Reapropriação* que é o novo entendimento a partir do debate.

Havia um ritual dos cineclubistas franceses, dentre eles o crítico Andre Bazin, que os mesmos chamavam de “*Santíssima Trindade*”. A *Santíssima Trindade* consistia em três momentos: A *Apresentação*, que é o discurso sobre o filme a ser exibido, uma preparação. A *Exibição*, logo na sequência da apresentação. E por último um caloroso *Debate*.

Voltando às idéias de Felipe Macedo (2017), os cineclubes estão crescendo e se organizando ainda mais neste momento da história, sempre com tendência contestadora. Os cineclubes são a principal fonte do cinema brasileiro, assim como do cinema em geral, para grande parte da população. Nesse sentido afirma o autor citado:

(...) O cineclube é a instituição que procura entender, organizar e representar as necessidades do público. É público organizado, uma espécie de sindicato dos espectadores. Tão variado em suas comunidades quanto
Revista Livre de Cinema, v. 4, n. Especial, p. 65-83, jul, 2017
ISSN: 2357-8807

são os trabalhadores em suas especialidades. E talvez tão subestimado institucionalmente como eles. (MACEDO, 2017)

O autor do livro *Cinema e Filosofia: Ensinar e Aprender Filosofia com os Filmes*, Alessandro Reina, desperta-nos para algo muito importante a respeito do movimento cineclubista:

(...) um cineclube na escola possibilita a ela a oportunidade de conduzir estes jovens a um processo de reconhecimento crítico da realidade, de repensar as bases existenciais sobre as quais estes sujeitos começam a construir suas concepções de mundo. (REINA, 2016, p. 172)

Ainda segundo Reina:

Não se trata, é lógico, de afirmar que a responsabilidade da educação precisa ser assumida por cineclubes. A função primordial de trabalhar pela educação é e sempre será da escola. Porém, por que não pensar na construção de cineclubes no interior das escolas, ou seja, construir espaços de discussão e de debates críticos tendo o filme como um "pretexto"? (...) um processo de democratização social pressupõe a formação de estudantes que sejam autônomos em suas decisões e escolhas, sobretudo, que sejam capazes de pensar por si mesmos de forma clara e coerente, que saibam reconhecer as ideologias e os processos alienantes presentes na civilização técnica engendrada pelo capital industrial. Por isso, a escola tem o dever de pensar em tal processo de educação de forma que permita a estes jovens o entendimento e reconhecimento das estruturas políticas, sociais e econômicas do mundo em que vivem. (REINA, 2016, p. 168,169)

Reina (2016) reforça uma possível ligação do cinema, filosofia e educação conforme se lê:

A escola tende a ganhar duplamente (com cineclubes); em primeiro lugar, por alcançar um objetivo nobre, que seria o desenvolvimento de uma metodologia que instiga e incita estes jovens a tornarem-se verdadeiros cidadãos pensantes, dentro de uma concepção que vise o esclarecimento destes jovens diante da sociedade em que vivem. Em segundo lugar, a escola tende a recuperar a sua função social tão ignorada e esquecida nos dias atuais diante do desenvolvimento e aprimoramento do capitalismo industrial. Em suma, o cineclube tende a servir como um ponto de resistência, como um espaço que privilegie o desenvolvimento da educação, do debate, da consciência questionadora e do pensamento crítico, fazendo da escola um organismo vivo e atuante da sociedade. (REINA, 2016, p. 172)

Dessa forma, é possível perceber uma possível imbricação do cineclubismo com a educação e o refletir (filosofar). O cineclube, com sua base contestadora e defensora dos direitos dos homens, através de sua história, mostra-nos uma contribuição com uma melhoria no cenário educacional (e social) atualmente, pode contribuir também para um despertar para a realidade, utilizando o cinema como busca pela realidade através da imagem-movimento. Assim como nos lembra Márcio

José Andrade (2017) sobre as idéias do filósofo Platão (2001) com sua famosa *Alegoria da Caverna*, de que o filósofo quer libertar os escravos das sombras e apresentá-los à realidade, o cineclube pode contribuir para libertar os espectadores das imagens reproduzidas na tela, e a partir desta, conhecer a realidade que nos cerca.

Ainda segundo a *Alegoria da Caverna*, Alessandro Reina afirma-nos:

(...) Na alegoria de Platão, as correntes, que prendem os indivíduos no interior da caverna representam a ignorância. A escuridão ou as sombras representam nossas crenças que nos impedem de romper as correntes e ir em direção da luz, que seria a verdade. O indivíduo que rompeu as correntes e foi em direção à luz é o filósofo, aquele que rejeita as suas crenças e que duvidando abandona a ignorância rumo à verdade. (REINA, 2016, p. 60)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, é possível afirmar na efetividade da imbricação existente entre cinema e filosofia, bem como com o próprio ato de educar. Dentro do cinema há um grande espaço para o pensamento crítico, para o refletir, logo, para o filosofar. Assim, é possível pensar que o cinema como recurso possui grande potencial para a educação. Promovendo essa imbricação entre cinema, filosofia e educação; o cineclube se destaca, pois, o mesmo contém fortemente os três elementos supracitados.

Assim sendo, o cineclube mostra-se um ótimo local para unir o cinema com as reflexões (Filosofia) e a educação. O mesmo mostra-se, então, mediante a isso, muito interessante para ser utilizado no ambiente escolar para facilitar uma reflexão mais profunda através da imagem-movimento passada na tela, e assim contribuir para uma educação mais atual e dinâmica fazendo uso de tecnologia e diferentes formas de educar. Lembrando que o cineclube não vem para substituir a escola, com sua missão de reflexão e de educação, mas sim vem como um poderoso complemento para a instituição escolar. O movimento cineclubista não tem a intenção de destruir as escolas, mas sua real intenção é de construir mais uma ponte, com bases sólidas, para ligar a arte com a educação, quem decide passar por essa ponte, poderá experimentar o delicioso sabor da filosofia através da reflexão e do pensamento crítico. O movimento cineclubista pode ser um atalho para a educação, isso tudo pode ser utilizado em conjunto e dentro da instituição escolar.

O cineclube pode e deve ser utilizado em escolas pelos docentes para estimular o pensamento crítico como mais uma alternativa dos diferentes métodos usuais (e muitas vezes pouco eficazes) no ambiente escolar. Para tanto é necessário fazer conhecer melhor o universo do cineclube, pois este é pouco conhecido e divulgado em escolas. Estudos, como esse, são essenciais para o crescimento do movimento cineclubista, com todo seu poder crítico, reflexivo, filosófico; e com todo seu potencial no campo da educação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Notas sobre o filme**. Disponível em:<https://www.academia.edu/13382016/Notas_sobre_o_filme_-_ADORNO>. Acesso em: 14 de janeiro de 2017.

ALVES, G; MACEDO, F. **Cineclube, cinema e educação**. São Paulo: Práxis, 2010.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Disponível em:<<http://www.mariosantiago.net/textos%20em%20pdf/a%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2017.

BERNARDET, J-C. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CABRERA, J. **O cinema pensa**. Uma introdução à filosofia através dos filmes; tradução Ryta Vinagre: Rio de Janeiro: Rocco, 2006

CARRIÈRE. J-C. **A linguagem secreta do cinema**; tradução Fernando Albagli, Benjamin Albagli: Rio de Janeiro, 1995.

DELEUZE, G. **Cinema II: A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GOMES, R. **Crítica da razão tupiniquim**. São Paulo: Cortez , 1980.

IRWIN, W, et al. **Os Simpsons e a filosofia – O D’oh! De Homer**. São Paulo: Madras, 2004.

LOURENÇO, J. C. **Interpretando os símbolos do ritual cineclubista**. In: Revista Urutágua – academia multicicliplar. Maringá: UEM. Edição de número 23, 2011.

LUCKESI, C.C. **Filosofia, exercício do filosofar e prática educativa**. Em aberto, ano 9, n 45, 1990.

MACEDO, F. **Cineclube**. Disponível em: <cinclube.utopia.com.br>. Acesso em: 14 de jan. 2017.

MACEDO, F. **Observatório cineclubista**. Disponível em: <<http://www.culturadigital.br/cineclubes/cineclube/rtigos/o-que-comemoramos/>>. Acesso em: 14 de jan. 2017.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** (livro eletrônico), tradução de Catarina Eleonora F. da Silva, Jeane Sawaya, São Paulo: Cortez, 2013

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

REINA, A. **Cinema e filosofia**: ensinar e aprender filosofia com os filmes. Curitiba: Juruá, 2016.

_____. **Filosofia e cinema**: O uso do filme no processo de ensino-aprendizagem da filosofia. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Dissertação, 2014

SAVIANI, D. **Contribuições da filosofia para a educação**. Em aberto, ano 9, n 45, 1990.

SEVERINO, A.J. **A contribuição da filosofia para a educação**. Em aberto, ano 9, n 45, 1990.

SERRANO, J. **A escola nova**: Uma palavra serena em um debate apaixonado, Rio de Janeiro: Schimdt, 1932.

SILVA, M. J. A. da. **Filosofia e o cinema** – Márcio José Andrade da Silva. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3NbDKx7-8g8>>. Acesso em: 14 de jan. 2017.

VENÂNCIO, F. F. **A educação e seu aparelhamento moderno**. São Paulo: Nacional, 1941.

YOUNG, S. D. **A Psicologia vai ao cinema**: o impacto psicológico da sétima arte em nossa vida e da sociedade moderna. São Paulo: Cultrix, 2014.